



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
SANTO ANTONIO DE JESUS – BAHIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA**

MATHEUS EDUARDO DE JESUS SANTOS

**LUZ, CÂMERA, REFLEXÃO!
GEOGRAFANDO O MUNDO A PARTIR DO CINEMA.**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Santo Antônio de Jesus – Bahia

2024

MATHEUS EDUARDO DE JESUS SANTOS

**LUZ, CÂMERA, REFLEXÃO!
GEOGRAFANDO O MUNDO A PARTIR DO CINEMA.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial para a conclusão do componente curricular TCC II e para a obtenção do grau de Licenciatura em Geografia, sob a orientação do Prof. Dr. Hanilton Ribeiro Souza.

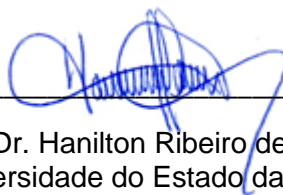
Santo Antônio de Jesus – Bahia

2024

MATHEUS EDUARDO DE JESUS SANTOS

**LUZ, CÂMERA, REFLEXÃO:
GEOGRAFANDO A PARTIR DO CINEMA.**

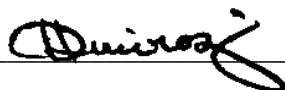
**FOLHA DE APROVAÇÃO
BANCA**



Prof. Dr. Hanilton Ribeiro de Souza
Universidade do Estado da Bahia
Orientador



Profª Drª Luciana Cristina Teixeira de Souza
Universidade do Estado da Bahia
Coorientadora/parecerista



Profª Me. Patrícia Pires Queiroz Souza
Universidade do Estado da Bahia
Parecerista

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, que propiciou a vida e sem Ele nada disso seria possível, Ele que é a minha maior força e n'Ele encontro refrigério para os dias turbulentos que enfrentamos para chegar até aqui, mas também é Ele que nos dá o regozijo e a felicidade de vencermos as barreiras e desafios na vida acadêmica.

A minha mãe, que sempre acreditou em mim, enquanto eu mesmo não acreditava, que um dia poderia estar numa universidade pública de tamanha relevância, principalmente para a educação.

A minha esposa, Flávia, que sempre buscou me apoiar, incentivar e ajudar, mesmo o meio acadêmico não ser sua vivência, mas sempre presente me confortando a olhar para o horizonte e enxergar um futuro promissor como professor. E aos meus filhos, João e Maria, que são minha dose diária de motivação e conforto, vocês tornam meus dias mais leves.

Aos meus irmãos e cunhados por toda amizade e incentivo no decorrer desse processo.

Aos meus amigos, em especial, Laila e Fabiana, Ronaldo e Eulálio que acompanhou tudo nos mínimos detalhes e que devo muito, pelas ajudas, correções, lágrimas e sorrisos que demos juntos nessa trajetória, destaque também meus amigos e irmãos na fé, Deivesson e Lucas, por toda oração, interseção, compreensão e apoio que me deram.

A todos os meus professores, em especial o Professor Moacyr Velame, que foi o pioneiro a me fazer enxergar a educação com outros olhos e me motivar a adentrar neste fantástico mundo, cheio de desafios e emoções, mas, muito gratificante.

Ao meu orientador, Hanilton, pela orientação, pelo tempo dedicado e por continuar esse trajeto até aqui, me mostrando que o ensino pode ser algo leve e dinâmico, e não tradicional e conteudista como na época da escola. E por sempre dá o puxão de orelha no momento certo e na hora certa, sem vaidade, mas com intuito de nos fazer enxergar além do que podemos.

A minha coorientadora, Luciana Cristina, que me fez ter ainda mais expertise para construir este trabalho, pelas dicas e pelos momentos de aprendizagem.

"Num filme o que importa não é a realidade, mas o que dela possa extrair a imaginação" (Chaplin, 1977).

SANTOS, Matheus Eduardo de Jesus. **Luz, Câmera, Reflexão: Geografando o mundo a partir do cinema**. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Santo Antônio de Jesus/BA: UNEB – DCH Campus V, 2024, 48 p.

RESUMO

O trabalho monográfico, intitulado: Luz, Câmera, Reflexão - geografando o mundo a partir do cinema -, busca discutir como a utilização de filmes e documentários no ensino de Geografia, pode contribuir e desenvolver nos/as alunos/as um olhar mais reflexivo e crítico de sua realidade-mundo. Assim, esta pesquisa tem sua relevância no âmbito escolar e acadêmico, pois a educação tem o papel primordial em formar futuros cidadãos/ãs, e a Geografia tem um papel importante neste sentido. Sendo assim, esta pesquisa utiliza, como recurso metodológico, questionários, que foram a principal ferramenta para obter os dados que subsidiam este trabalho. Destacamos, também, os teóricos que discutem esta temática, que foram imprescindíveis, tendo em vista as contribuições teóricas e metodológicas para uma educação mais reflexiva e dinâmica. Por fim, os resultados obtidos com essa investigação deixam evidente que o ensino tradicional ainda se faz presente em muitas salas de aula, apesar dos avanços e mudanças dos últimos anos, tornando, assim, as aulas sem contextualização e significação para grande parte dos alunos. Por outro lado, a pesquisa também descreve novos horizontes, com perspectivas promissoras, fundamentadas na sétima arte (filmes e documentários) para um ensino mais dinâmico, lúdico, (re)significado e cativante da Geografia, não somente para o/a professor/a, mas também para os/as alunos/as da educação básica.

Palavras-chave: Geografia. Ensino e Aprendizagem. Cinema. Ensino Médio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 LUZ, CÂMERA, AÇÃO – Ensino de Geografia, Diversas Linguagens e Cinema	11
1.1 Sinopse	11
1.2 Parque dos dinossauros: A Geografia tradicional ainda existe	11
1.3 Um sonho de Liberdade: As diversas linguagens e o ensino de Geografia	14
1.4 O dia depois de amanhã: Construindo novas Geografias através do cinema	18
2 DE VOLTA PARA O FUTURO: NOVOS OLHARES SOBRE O CINEMA E APRENDER GEOGRAFIA	23
2.1 Sinopse	23
2.2 Janela Indiscreta: Obstáculos e avanços no ensino médio de Geografia na educação básica	26
2.3 A Noviça Rebelde: As diversas linguagens e suas contribuições no ensino básico	30
2.4 2001 Uma odisseia no Espaço: O cinema dentro das aulas de Geografia	34
3 O PLANO PERFEITO: GEOGRAFANDO COM FILMES E DOCUMENTÁRIOS	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	Erro! Indicador não definido.46
APÊNDICE	48

INTRODUÇÃO

A Geografia, ciência que estuda as inter-relações entre homem e natureza na produção do espaço, ainda possui alguns obstáculos e divisões internas para que se promova, de forma plena, a produção autônoma e reflexiva do conhecimento pelos/as discentes, substituindo de vez o ensino mnemônico, conteudista e enfadonho que herdou da Geografia tradicional.

Infelizmente, após décadas de discussões acadêmicas e experiências inovadoras, ainda persiste no ensino básico a presença deste “ensino” arcaico, com metodologias que visam a propagação de informações e a memorização. Na Universidade, a Geografia já possui um viés mais reflexivo, estimulando discussões sobre as diferentes visões de mundo e interações da sociedade com o meio ambiente.

No entanto, nota-se, na educação básica, com ressalvas, pois muito se tem feito em prol de uma Geografia mais progressista e reflexiva, que busca a construção de outras leituras de si, do outro e, especialmente de mundo, que a Geografia progressista ainda não é tão presente quanto deveria ser, pelo contrário, percebe-se a presença de uma Geografia conteudista, monótona, decorativa e com saberes científicos cristalizados nos livros didáticos, o que não favorece a reflexão e nem outras leituras do aluno em relação ao espaço vivido e a realidade global.

Quanto ao emprego dessa Geografia voltada apenas ao livro didático, surge uma situação preocupante e que tem se tornado habitual dentro da escola básica, pois ressurgem ou se aprofunda a falta de interesse pela Geografia, por parte de alguns alunos/as, a partir da imposição de uma metodologia de ensino ultrapassada, que os fazem se questionar da seguinte forma: será que Geografia vai agregar alguma coisa em minha vida? Como vou utilizar a Geografia no meu trabalho ou no meu dia-a-dia? São questões que têm surgido nas salas de aula em resposta às metodologias e concepções de ensino tradicionais ainda postas em prática por parte dos/as professores/as.

Questões desse porte são frequentes no cotidiano dos/as professores/as de

Geografia da escola básica, pois se sabe que essa disciplina está presente desde o ir pegar café na cozinha até o porquê dos conflitos entre grandes potências mundiais, como EUA e Rússia ou China. Porém, para muitos alunos, a Geografia se limita em apenas saber o que é clima e o que é temperatura, ou apenas saber o que é relevo. Não que não sejam conteúdos interessantes e necessários, mas se encontram descontextualizados e “desumanizados” na sala de aula, ou seja, não demonstram as inter-relações intrínsecas entre sociedade e natureza. Diante disso mora um problema que pode ser resolvido com pequenas inovações em sala de aula que possibilitando gerar outros efeitos na aprendizagem dos/as alunos/as.

Dentro desse contexto, torna-se necessário ensinar a Geografia de outras formas, não somente pelo livro didático. Assim, temos as diversas linguagens, em especial, o cinema (filmes), que nos traz a seguinte indagação: De que forma os filmes podem contribuir para o ensino de Geografia, tendo em vista que o cinema pode propiciar novos olhares e leituras do mundo, com um misto de imagens, sons, movimentos e enquadramentos?

Diante do exposto, a finalidade desta pesquisa consiste em promover discussões que destaquem a educação básica no âmbito acadêmico, sob o ponto de vista do ensino conteudista que ainda persiste no ensino básico, apesar dos avanços das últimas décadas. A discussão acerca deste assunto torna-se necessária no sentido de promover o ensino que traz reflexão e criticidade ao aluno/a, tendo na Geografia um importante instrumento, a fim de substituir o ensino mnemônico e arcaico que ainda, infelizmente, se faz presente dentro de muitas escolas e salas de aula.

Assim, a referida pesquisa busca contribuir na tentativa de demonstrar aos/as docentes do ensino fundamental e médio, e, também, futuros/as docentes, que é necessário e possível escapar deste ensino metódico de Geografia e que há formas mais dinâmicas que promovem o aprendizado e levam o/a aluno/a a refletir sobre o que está sendo discutido, revelando, assim, a importância social da Geografia.

A pesquisa tem como objetivo geral discutir como a utilização de filmes e documentários nas aulas de Geografia podem contribuir para desenvolver e/ou ampliar nos/as alunos/as outros olhares e leituras em relação a si, ao outro e ao mundo. E para alcançar esta finalidade a pesquisa apoia-se em discutir os

obstáculos e avanços no ensino e aprendizagem da Geografia na educação básica, especialmente no ensino médio, além de demonstrar a importância da utilização das diversas linguagens no ensino de Geografia, a fim de propiciar outras leituras de mundo, investigar a importância do cinema, enquanto linguagem que alia som, imagem, contextos e expressões, para promover, nas aulas de Geografia, outras leituras da realidade.

E, por fim, discutir um roteiro metodológico sobre a utilização de filmes e documentários nas aulas de Geografia, inclusive com a indicação de filmes analisados pelo Projeto de extensão Geocine nas escolas – um olhar geográfico sobre filmes e documentários, coordenado pelos professores Hanilton Ribeiro de Souza e Luciana Cristina Teixeira de Souza, no DCH Campus V – UNEB (Santo Antônio de Jesus/BA).

O arcabouço metodológico que esta pesquisa utilizará consiste em levantamento bibliográfico acerca da temática abordada, para embasamento teórico consistente, elaboração de uma oficina com discussões acerca de filmes com elementos geográficos e que são assuntos dentro de sala de aula, entrevistas narrativas com os/as alunos/as, bem como professores/as e a elaboração de um mini roteiro com nomes de filmes e de que forma podem ser utilizados em sala de aula, a fim de auxiliar e facilitar o papel do/a professor/a, como também dinamizar as aulas de Geografia.

A presente pesquisa é composta por três capítulos, além desta introdução. O primeiro dedicado a discussão sobre o ensino tradicional da Geografia, que apesar de avanços significativos ainda está fortemente presente nas escolas, como também discutir como as diversas linguagens podem proporcionar outras leituras da realidade na sala de aula junto com o ensino de Geografia.

E o segundo capítulo está voltado para a discussão acerca do ensino de Geografia na escola básica, com ênfase no ensino médio onde pretende-se buscar investigar quais são os avanços e os obstáculos presentes no processo de ensino e aprendizagem, discutir a importância das diversas linguagens e suas contribuições para o ensino na escola básica e por fim discutir sobre a relevância do cinema enquanto linguagem que alia o som, a imagem, contextos e expressões dentro das aulas de Geografia.

E por fim, o último concentra-se em trazer um roteiro de como utilizar filmes e documentários, na sala de aula, com o foco nas aulas de Geografia, este roteiro pode facilmente se inserir no planejamento de qualquer disciplina.

1. LUZ, CÂMERA, AÇÃO – ENSINO DE GEOGRAFIA, DIVERSAS LINGUAGENS E CINEMA

1.1 Sinopse

O ensino de Geografia é marcado por reveses, assim como por diversas possibilidades. Sendo assim, nesse capítulo, a discussão será em torno de como o ensino tradicional, infelizmente, ainda influencia o ensino de Geografia em algumas salas de aula, refletindo também como as diversas linguagens dialogam com o ensino de Geografia para fazer outras formas de ensinar e aprender. Por fim, pensar especificamente em como o cinema pode auxiliar, enquanto estratégia de ensino e aprendizagem, nas aulas de Geografia.

1.2 Parque dos Dinossauros: a Geografia tradicional ainda persiste.

Por muito tempo a Geografia foi taxada apenas como uma disciplina que era voltada a interpretação de questões físicas dentro das escolas, ou seja, discussões sobre divisão política e administrativa dos países, continentes, hidrografia, clima, como também dos tipos de solos e suas características e com os estudos das rochas. De fato, a Geografia engloba dentro de si todas essas discussões, mas o equívoco acontece quando deixaram apenas essa área da Geografia em evidência, de modo que a Geografia Humana, que busca integrar a sociedade dentro de seus estudos, perde a relevância, a partir disto a Geografia escolar ficou com um aspecto limitante e nada atraente dentro da sala de aula.

Diante disto, é possível iniciar essa discussão com essa vertente, o tradicionalismo escolar, que não limitou apenas o ensinar e aprender Geografia, mas também restringiu uma disciplina que é rica em aspectos físicos da natureza, e por seguinte ocultou ou invisibilizou, por questões políticas, as relações humanas nas inter-relações com a natureza e na produção do espaço. Dentro das escolas é comum ainda encontrar esse tipo de Geografia, a que apenas mostra o conceito, a que apenas mostra o conceito, dizendo o que é, sem nenhum tipo de reflexão, e isso faz com que o aprendizado fique reduzido a memorização em sala de aula, não cria

interesse, e apresenta uma disciplina tida como chata e totalmente desnecessária no âmbito escolar e na vida cotidiana.

A memorização é o que tem se ensinado em algumas salas de aula, talvez este “assassinato” não seja somente com a Geografia em si, é possível que outras disciplinas escolares sofram o mesmo mal: ensino tradicional. Essa memorização serve apenas para gerar nota ao final do ano letivo, mas ensinar e aprender Geografia é bem mais do que mostrar conceitos, ainda mais numa disciplina/ciência presente no nosso cotidiano, e que possui uma relevância socioespacial. Neto e Barbosa (2010, p. 161) discutem que: “[...] O ensino de Geografia deve permitir aos educandos uma análise crítica da realidade [...]”. Então, basta apenas revelar e reconhecer sua relevância socioespacial para que outros olhares e leituras de mundo do aluno comece a ser exercido dentro de sala, descartando a memorização e incentivando a reflexão.

Um ensino enfadonho e decorativo, infelizmente, ainda ocorre, devido a alguns pontos: o primeiro a se destacar é pela falta de criatividade, é duro falar, mas é necessário para (auto) reflexão, pois muitos professores se rendem ao engesso de seguir o “cronograma” e não exploram outras formas de ensinar o conteúdo para seus alunos, não se reinventam. Leão e Leão (2008, p. 39), reiteram que “[...]Uma Geografia fragmentada produz uma visão fragmentada e isso enfraquece nossa disciplina na busca de contato com outras ciências [...]”. Afinal, para além do diálogo com outras disciplinas é possível que a Geografia possa ser ensinada através da música, dos desenhos, de poemas, das danças e da ideia central desta pesquisa, através dos filmes e documentários, que abrem um leque ainda maior com as riquezas que compõem essas produções e podem ser trabalhadas de forma ainda mais contextualizadas e aprofundadas em sala de aula.

Um outro fator que torna claramente o ensino tradicional, é o/a professor/a que não se preocupa em conhecer sua sala de aula, pois é muito importante que esse exercício seja feito em sala de aula pelo simples fato de que ao conhecer sua turma, é possível entender a linguagem que mais se adequa aos/as alunos/as, como Pontuschka, Paganelli, Cacete (2007, p.30) afirmam “[...]Ouvir o aluno permite conhecer as representações sociais construídas sobre o mundo, mas precisamos ensiná-lo a questionar e buscar soluções, ajudando-o a elevar-se a outros

patamares de abstração, a fim de superar o senso comum [...]” Conhecer e se aproximar dos/as alunos/as faz com que possamos compreendê-los melhor. E com essa compreensão é possível traçar estratégias de ensino que envolvam a turma e contribuam positivamente para o processo de ensino e aprendizagem.

Sem contar que dentro de sala de aula existem muitos “talentos”, também chamados de habilidades ou competências, ocultos e que podem ser utilizados como aliados ao saber. Com essa visão, talvez, exista na sala um grupo de alunos/as que gosta de dançar, outro que gosta de música, outro que gosta de escrever. E todas essas habilidades é possível trabalhar Geografia em sala de aula, através das diversas linguagens, e ainda de forma dinâmica, intuitiva, divertida e claro, reflexiva, superando o ensino tradicional e dando lugar a uma forma de aprender Geografia mais prazerosa, sem perder a cientificidade.

Não podemos aqui também associar toda a “culpa” das mazelas do ensino de Geografia para o/a professor/a, pois existem fatores que também contribuem para que o ensino tradicional permaneça, apesar dos avanços progressistas, dentro das escolas, a exemplo: a falta de estrutura física, pois é comum ver escolas que não tem o aparato público como de fato deveria ter. Em muitos casos as entidades públicas que deveriam auxiliar e manter as escolas são ausentes e/ou negligentes, fazendo com que o/a professor/a fique um pouco limitado em sua aula e contribuindo, mesmo que, em parte, com a permanência do ensino tradicional nestes espaços.

Até mesmo uma coordenação escolar pode influenciar nesse aspecto, pois é junto ao/a professor/a que o planejamento é feito e quando o/a coordenador/a não pensa nesse movimento e ainda tira a autonomia do/a professor/a acaba influenciando nesse movimento que é ensinar “fora da caixa”, fazendo com que o resultado seja sempre o mesmo. Por isso, Castrogiovanni *et. al* (2016) trazem a reflexão de quem se preocupar no ensino da Geografia em uma escola, tem como desafio estar sempre se movimentando em busca de caminhos que ajudem os/as alunos/as a lerem o mundo de outras formas, sob outros ângulos.

Um detalhe que ajuda a entender também as causas que faz com que o ensino enfadonho ainda persista em sala de aula, é o tipo de formação que o/a professor/a teve acesso durante sua graduação. Pontuschka, Paganelli, Cacete

(2007, p.30) pontuam que “[...] As propostas curriculares oficiais das diferentes instâncias – federal, estaduais, e municipais – merecem ser analisadas criticamente em virtude do papel que exercem na formação do professor de Geografia em todos os níveis [...]”, uma vez que essa formação não é pensada, muitas vezes, de forma crítica ou para o ensino, é bem comum que apenas se transfira conteúdos, sem a ensinar a fazer a transposição didática no momento oportuno em sala de aula. Conforme Freire (2011), nessa visão formativa tradicional o/a educador/a é apenas um/a doador/a de saberes para aqueles que não dispõem de saber nenhum.

Mesmo diante desse cenário, a Geografia tem obtido avanços desde que se tornou uma disciplina escolar, sobretudo, em sua forma de produzir conhecimento, mas a forma como vai ser ministrada em sala tem uma forte relação de como ela foi compreendida pelo/a docente, dando como exemplo, uma formação que não estimula a pesquisa, a extensão, a prática pedagógica e o trabalho de campo na graduação em Geografia, não trabalhar essas perspectivas é bastante prejudicial na formação de um/a professor/a. Talvez, seja chocante essa colocação para alguns, mas existem instituições que não dão o devido valor às diversas práticas pedagógicas formativas na graduação em Geografia, fazendo com que o/a professor/a seja ainda mais limitado em sua docência. Assim, não é possível ensinar Geografia de múltiplas formas, se mesmo dentro da graduação não se obteve esse exercício, que deveria ser comum, já que a Geografia faz, sobretudo, a leitura do mundo que vivemos, e a falta de contato com essas possibilidades vão interferir diretamente dentro da sala de aula, uma vez que nem o/a professor/a enxerga o poder pedagógico que tem em mãos ao ensinar Geografia.

1.3 *Um sonho de liberdade: as diversas linguagens e o ensino de Geografia*

Porquê não começar esta discussão falando da influência da internet na vida cotidiana, e, sobretudo, dentro do contexto escolar, à medida que é visível nos dias atuais que a internet vem adentrando e modificando os fazeres, dizeres e leituras de si e de mundo de boa parte da população mundial. Contudo, não podemos afirmar que isso é a realidade de todos, devido ao fato de que ainda existem pessoas que não tem condições socioeconômicas para tal ou até mesmo suporte tecnológico para ter este acesso, mas a discussão aqui não é sobre essa questão e sim a

internet no contexto educacional, e que hoje, não é usada apenas como objeto de entretenimento, mas como recurso metodológico educacional, pois, conforme Rampazzo *et al* (2014, p. 128), “[...] As tecnologias digitais de comunicação e informação invadem a maioria dos setores da nossa sociedade, como na educação escolar, no marketing, nas vendas, no entretenimento, no esporte, entre outros [...]”.

Aliás, nunca foi somente entretenimento, a internet é usada também para o uso profissional e educacional também como destacam o autor supracitado. Porém, no contexto educacional pouco se utilizava a internet, devido a maior parte do ensino, seja acadêmico, profissionalizante, ou até mesmo na escola básica, acontecer de forma presencial e terem suas dificuldades que em algumas situações impediam o uso da mesma. No entanto, o contexto de vida vem mudando constantemente, como destacam Rampazzo *et al.* (2014, p. 127) “[...] Diante dos desafios da contemporaneidade, a comunicação e a informação se expandiram e contemplam outros recursos [...]”. A pandemia, recentemente enfrentada, deixou isso bem claro, pois tivemos que fazer uso mais frequente da internet, das imagens, dos vídeos, devido ao contato presencial ter diminuído. Dessa forma, dentro do ensino, a internet passou ser a principal aliada para superar as barreiras geográficas e sanitárias do COVID19.

Diante dessa presença cibernética ainda mais influente em sala de aula, surge aí uma gama de possibilidades pedagógicas para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, claro que aqui não existe a afirmativa de que o ensino presencial deixa de ser válido, ou melhor dizendo, perde a importância, mas é fato que, no momento pandêmico, surgiram outras formas de ensinar e aprender para além da sala de aula física. Contudo, além das possibilidades que a internet trouxe à tona, vieram também as novas ferramentas, que com toda sua força e seu potencial fez com que o quadro fosse substituído pela apresentação do *Power Point* e *Jam board*, o marcador, pelo *mouse*, as salas de aulas, pelo *Google meet*, *Classroom*, *Microsoft Teams*, o *Zoom*, dentre outros.

Quando falamos de ferramentas, abrimos um leque de possibilidades que agregam em sala de aula e um ponto aqui entra em questão, ou melhor uma oportunidade. É fácil perceber que o tradicionalismo ainda está presente dentro das salas de aula, e, principalmente, tendo o livro didático usado como pivô de todo esse

tradicionalismo, não que este recurso tenha que ser deixado de lado, ou ser taxado como ultrapassado, em hipótese alguma, mas é uma ferramenta que deve ser usada no contexto certo e nunca isolada, mas de forma unida aos outros recursos, ampliando os horizontes que a Geografia pode e deve ocupar.

Muitas vezes, até é proposta uma mudança, algo que venha de fato agregar de forma mais dinâmica em sala de aula, às vezes, pelos próprios/as alunos/as, como sugestão de melhoria da aula. Porém, o engessamento causado pelo uso excessivo do livro didático, como muitos/as professores/as fazem, causam descontentamento em sala de aula. Há professores/as que se engessaram na mesma forma de planejamento e não se permitem planejar em outras óticas e proporcionar novos saberes para dentro de sala de aula, sendo assim o que precisa mudar/adaptar são as formas que são construídos esses saberes, a forma de ensino, as metodologias, a prática. Não está sendo proposto aqui um tipo de revolução radical, nem tampouco alguma obrigatoriedade que deva ser seguida, mas é notório o fato de que uma mudança em sala de aula pode fazer com que o conteúdo em questão seja visto de uma forma diferente pelos/as alunos/as e, assim, os envolverem.

A Geografia tem uma essência provocante e essa provocação torna-se necessária.

“A provocação é importante porque sacode um pouco nossas certezas de que a Geografia é uma disciplina cara aos alunos e/ou que ela é a garantia de uma leitura complexa, dinâmica e criteriosa do mundo, dos espaços por nós habitados. Não negamos que a Geografia tenha essa potencialidade, mas, potência não é garantia de sucesso nesta empreitada. (Kaercher, 2016, p. 203).

O fato é que a Geografia tem sua presença em todos os ambientes, ainda que não seja percebida, ela está lá, e funciona da seguinte forma: se acordamos no meio da noite, com fome, traçamos um mapa mental que nos leva da cama até a geladeira, a Geografia está ali, é um exemplo bem singelo que acontece e, as vezes, não percebemos, porém, mas prático de entender como ela se faz presente até mesmo nos momentos mais simples e que achamos que não está. E isso, dentro da sala de aula deve ser explorado também, de forma simples e prática, talvez se esse exemplo fosse dado a um/a aluno/a do 6º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental, ele já teria uma noção melhor qual a importância socioespacial da

Geografia, ao invés de manda-lo ler apenas o conceito no livro didático. Assim, essa praticidade e cotidianidade que a Geografia traz, deve ser exaltada em sala de aula, aliando ao conteúdo trabalhado, sem deixar de lado o cientificismo, mas propor esse equilíbrio que fará grande diferença na trajetória escolar dos alunos.

Com as possibilidades que a Geografia traz em termos de ensino para o processo de aprendizagem, em sala de aula, torna-se necessário se atentar para a existências das diversas linguagens, que, como auxiliadoras, podem ressignificar o saber geográfico, como por exemplo: textos, músicas, poesias, mapas, imagens, memes, charges, tirinhas, novas tecnologias e programas, novas mídias, propagandas, filmes, documentários, dentre outros. Cada uma dessas linguagens é fundamental dentro de sala de aula, como discute Silva (2013, p.32): “[...] No ensino de Geografia a utilização de imagens tem facilitado como compreensão de tabelas, mapas, gráficos e fotos que esboçam determinados fenômenos geográficos [...]”. E nem uma delas em nenhum momento se torna ultrapassada nem tão pouco menos necessária que a outra, da forma correta, planejada, contextualizada e ressignificada, é possível trabalha-las, deixando claro, mais uma vez, que mesmo adotando-as não é necessário alterar ou deixar de seguir o tão rigoroso planejamento, nem deixar o livro didático de lado, já que ele é uma das linguagens também.

Uma outra questão que deixa em evidência a presença do ensino tradicional em sala de aula, é falta de capacitação docente para se trabalhar e utilizar as diversas linguagens, ora, ainda é possível encontrar professores/as ensinaram nossos pais no passado – e isso não é nenhum problema, pelo contrário, é um orgulho ter o mesmo mestre –, mas o fato é que os/as alunos/as são outros, os conteúdos evoluíram, e, conseqüentemente, as ferramentas de ensino também mudaram. Pode-se dizer que evoluíram significativamente, mas e a forma de ensinar?! Será que mudou também junto com tais avanços?! Infelizmente, na grande maioria das escolas e salas de aula, não, e aqui existe um problema a ser corrigido, como salienta Bacich e Moran (2018, p. 395) “[...] a criança que entra na escola hoje não pode encontrar a mesma estrutura pedagógica de quando estudaram seus avós. [...]”

Nesse contexto, não podemos culpar os/as professores/as quanto a tudo, em muitos casos não é oferecido um suporte, um apoio pedagógico, uma capacitação e, às vezes, até a infraestrutura da escola é insuficiente para que esses profissionais venham a utilizar destas tecnologias em sala de aula. Porém, como podemos notar, a internet é recheada de aprendizados, dicas, tutoriais e podem traçar um caminho para o/a professor/a em sala de aula, facilmente, e fazer com “saia da bolha do tradicional. O avanço tecnológico que a educação passa atualmente não é marcado apenas por pontos positivos, esse uso da tecnologia ainda não está disponível a todos. Então, nesse sentido, é importante pensar em formas de ensinar que possam substituir essas novas tecnologias quando as mesmas ainda não adentrarem o espaço em que o/a professor/a se encontra. Nisso, surge, então, o que Kaercher (2009) chama de Geografia do Custo Zero (GCZ), que cria caminhos no ensino e aprendizagem de Geografia com baixos custos, atuando como alternativa para suprir essa falta de recursos tecnológicos, facilitando o papel do/a professor/a, ainda nas palavras de Kaercher (2009), o mesmo ressalta que essas metodologias podem ser facilitadoras do processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Geografia:

[...] Porque não implicam em gastos extras nem tampouco recursos tecnológicos (nada contra eles, mas no geral não estão muito disponíveis nas escolas públicas do meu estado, da minha cidade). Uma simples folha xerocada e já temos, muitas vezes, matéria-prima para belas discussões e produções. O diferencial não é o computador, é dar o ‘clique’ na turma [...]. (Kaercher, 2009, p. 10).

Então, por mais que essa realidade nas escolas esteja presente, não se pode deixar ser limitado ao ponto de depender única e exclusivamente dessas tecnologias, pois, a autonomia do/a professor/a em sala de aula é fundamental para o desenvolvimento de uma prática pedagógica eficaz e adaptada às necessidades dos/as alunos/as, embora as tecnologias possam ser ferramentas valiosas no processo de ensino e aprendizagem, o/a educador/a não deve depender exclusivamente delas para ministrar suas aulas.

1.4 O dia depois de amanhã: construindo novas Geografias através do cinema.

Ao pensarmos no cinema e refletirmos um pouco sobre o seu contexto, é possível notar uma ferramenta que surge historicamente como objeto de diversão, lazer e distração, e, de fato, realmente essas são algumas de suas características,

mas não todas. Pode-se afirmar que o cinema é mais do que tudo, utilizado como expressão de arte, em outras palavras, é uma voz que busca gerar um impacto em quem está assistindo, seja, por exemplo, um sorriso, uma reflexão, dentre outros sentimentos e ações.

Pois ao falarmos de produção cinematográfica estamos nos referindo a uma releitura que acontece no mundo real, que vivemos ou queremos transmitir através de uma produção, ou também pode ser uma ficção, mas sempre usando um contexto ou gênero e sendo expresso em arte imagética, com diversos outros elementos e que também aponta para diversas reflexões ou até mesmo entretenimento, nas palavras de Cousin (2012, p. 65):

[...] O mundo em que vivemos é visual e complexo, não é à toa que a televisão é batizada constantemente de “companheira” e “babá eletrônica. Compreender o mundo em suas múltiplas relações, em sua dinâmica, e diversidade é necessidade vital para o cidadão[...].

Neste sentido, como a Geografia, enquanto disciplina escolar preocupa-se em estudar e refletir a realidade, sendo isso possível em diversas linguagens, daí, então, surge uma oportunidade que é a linguagem cinematográfica aliada ao ensino de Geografia.

Para se pensar no cinema como um recurso didático e uma estratégia pedagógica, antes de mais nada, é necessário entender como o cinema adentra o espaço escolar, e neste sentido é possível ver o cinema aparecendo em dois momentos, o primeiro, exercendo um papel de figurante, no qual pode até estar na cena, mas não exerce um papel relevante, tendo em vista seu grande potencial, e, no outro, é quando aparece como coadjuvante, onde tem mais liberdade e seu papel traz uma maior participação na aula.

No entanto, uma coisa é certa nas duas condições: não é possível afirmar que a linguagem cinematográfica adentra a escola sem intenção, obviamente seria um equívoco esta afirmação, ambos os papéis que exerce em sala de aula, existe uma intencionalidade que pode ou não contribuir para a leitura de uma realidade ou realidades presentes na produção cinematográfica em questão.

Vejamos, como a linguagem cinematográfica aparece como mero figurante dentro do contexto escolar? Talvez essa pergunta pareça sem sentido, mas o cinema perde o seu foco quando ocupa um lugar popularmente conhecido como

“quebra-galho”, onde o/a professor/a apenas o vê como um recurso facilitador para que o tempo passe, essa prática se dá pelo não planejamento ou pelo mau planejamento da aula. Sendo assim, a válvula de escape é “prender atenção” sem nenhum objetivo curricular sólido, ou seja, a ideia é meramente entreter o/a aluno/a, sem diálogos, sem criticidade, sem reflexão, sem objetividade e no final quem sabe uma atividade para não “passar em branco”.

Isso ainda é bastante comum dentro de muitas escolas, mesmo sabendo que a produção midiática pode possibilitar diversos saberes, ainda que escolhida aleatoriamente, o que não é indicado. No entanto, isso é uma característica da própria linguagem cinematográfica, como afirma Cousin (2012, p.66) “[...] O cinema desde sua criação incorpora aspectos do real [...]”. Mas o fato é que não houve uma reflexão ou até mesmo intenção por parte do/a professor/a ao escolher aquela produção e como ela irá ajudar no ensino e aprendizagem do conteúdo estudado em aula, o saber foi exclusivamente transmitido por parte da própria produção escolhida ou realizada pelo/a espectador/a, práticas assim ainda ocorrem na sala de aula e causam descontentamento no ensino, sobretudo, no de Geografia, uma vez que é perceptível ao aluno quando o/a professor/a exerce essa postura em sala de aula por não haver ao mínimo uma discussão ao final desta atividade ou posteriormente.

Quando alguma atividade é passada nesses momentos, na maioria das vezes, é apenas a ficha catalográfica da produção, como o nome do/a diretor/a, onde se passou o roteiro, quem eram os principais personagens, não que essas informações não sejam importantes, mas como já foi citado anteriormente, toda produção procura passar um dito recado em algum momento de seu enredo. É claro que não é uma obrigatoriedade de toda produção trabalhar questões da Geografia, mas é possível refletir sobre conceitos e conteúdos geográficos nas entrelinhas dessas produções, até porque a Geografia está presente em todos os momentos e, sobre isso, Souza e Queiroz destacam:

[...] A Geografia está no cotidiano, bem como o cotidiano está inserido na Geografia, pois produzimos Geografia diariamente, mesmo que de forma inconsciente, em cada atividade efetuada no espaço geográfico: ir ao trabalho, ou à escola, mapeando mentalmente o caminho (mapas mentais/localização/orientação); fazer compras na feira livre ou supermercado e perguntar/olhar o rótulo sobre a origem dos produtos (agricultura/indústria/comércio/circulação e transporte); assistindo a um

telejornal e observando os mapas apresentados nas reportagens ou na previsão do tempo (escala/clima); torcendo pelo time na televisão ou num estádio (território/geopolítica/geoestratégia), dentre outras atividades cotidianas em que a Geografia se faz presente e pode/deve nos auxiliar na apreensão da realidade [...]. (Souza; Queiroz, 2012, p.114).

Assim, é possível notar que a Geografia consegue ter seu espaço dentro das produções midiáticas, ainda que essas não tenham intencionalidade de transmitir nenhuma questão geográfica ou até mesmo histórica, mas ao observar e refletir é possível sentir a Geografia presente nas diversas questões que uma produção cinematográfica pode transmitir em seu enredo, e, ainda nas discussões de Souza e Queiroz (2012), isso remete ao fato de que o espaço geográfico é estreitamente interdisciplinar e ativamente presente no cotidiano.

Mas, e quando de fato o cinema pode aparecer como coadjuvante junto ao professor em sala de aula no ensino de Geografia? Talvez o caminho mais óbvio para responder essa pergunta seria o fato de que o cinema tem uma linguagem mais didática e devido a isso poderia ser um aliado importante nas aulas de Geografia, principalmente porque a Geografia é uma ciência aliada ao ensino imagético, ou seja, que tem como recurso principal o uso de imagens como instrumento de aprendizagem, tornando-a um facilitador dentro de sala de aula. Sendo assim, a Geografia é uma das ciências que faz uso da expressão do filósofo chinês Confúcio “uma imagem fala mais do que mil palavras” ou no caso da Geografia, “uma imagem vale como mil palavras”.

No entanto, para que esse papel do cinema na aula de Geografia seja proveitoso, é necessário começar a pensar, primeiramente, no momento de planejamento das aulas, onde o/a professor/a deve observar como um filme ou documentário de qualquer espécie se encaixa dentro da temática proposta em seu planejamento. Pensar nessas questões acabam gerando um diferencial em suas aulas, justamente pelo fato de ter sido refletido e não apenas inserido aleatoriamente, ainda que, todo planejamento seja passível de mudanças e nem sempre é possível seguir tudo que se planeja. Contudo, Souza e Queiroz ressaltam que:

[...] Sabemos que hoje, diferentemente do que se pensava num passado não tão distante, e também devido às diversidades existentes no universo de sala de aula, não há uma fórmula pronta para se ensinar, seja Geografia

ou outra ciência, mas, felizmente, variadas possibilidades de ensino, que devem ser valorizadas e aplicadas ao cotidiano escolar [...]. (Souza; Queiroz, 2012, p.111)

Sendo assim, ainda que não seja possível seguir todo o planejamento, é possível usar dessas diversidades, como, por exemplo, uma aula de campo na quadra escolar, uma análise musical, discutir uma imagem, são esses e outras estratégias que podem e devem estar sempre no acervo do/a professor/a como medidas opcionais, caso não seja possível cumprir o que se propôs, inicialmente, para que dessa forma possa ser alcançado o objetivo da aula, já que a Geografia é bastante flexível nesse ponto.

Quando os filmes são escolhidos e inseridos na sala de aula, outro ponto se levanta automaticamente, o fato de que muitos/as professores/as se sentem frustrados devido a não terem disponíveis os recursos tecnológicos que facilitem esse momento em sala de aula. Isso é uma realidade encarada por diversos/as professores/as, ainda que exista outras possibilidades que podem ser usadas, e é óbvio que o planejamento não gira apenas em torno dos filmes, mas, em muitos casos, essa ausência acaba dificultando a atividade que o/a professor/a planejou, gerando um descontentamento.

É compreensivo esse descontentamento que todo o/a professor/a passa em algum momento em sua jornada, mas uma questão é importante e precisa ser destacada: a tecnologia surge como um facilitador, criando diversos caminhos para auxiliar o ensino e aprendizagem em sala de aula, ainda que nem todos/as os/as professores/as saibam de fato como manusear essas tecnologias, mas, surge, então, mais uma oportunidade de incluir o/a aluno/a dentro do processo, como protagonista do seu próprio saber, uma vez que boa parte dos/as alunos/as em sala de aula, saibam com excelência manusear essas tecnologias necessárias, pelo fato de que eles mesmos estão inseridos dentro desse mundo tecnológico-informacional no qual vivemos.

2. DE VOLTA PARA O FUTURO: NOVOS OLHARES SOBRE O ENSINAR E APRENDER GEOGRAFIA.

2.1 Sinopse

As escolas brasileiras, de modo geral, vivenciam um cenário que, diariamente, é marcado por diversos desafios, os/as professores/as, mais do que ninguém, podem falar com propriedade acerca deste assunto, esta pesquisa, também se constitui numa forma de apreender como a educação, na escola pública, especialmente no ensino médio, contém inúmeros desafios metodológicos para se ensinar e aprender, sobretudo, Geografia.

E, dentre esses desafios está o uso de filmes e documentários como metodologia e estratégia pedagógica nas aulas de Geografia para desenvolver outras leituras de si, do outro e do mundo. Assim, por mais que haja receio por parte de alguns/mas professores/as para se introduzir novas tecnologias e diversas linguagens nas aulas, por conta de infraestrutura, meios tecnológicos ou falta de habilidade tecnológica, deve-se ousar, inovar e arriscar nas aulas.

Sendo assim, um questionamento surge diante da problemática desta pesquisa, que é entender quais são os principais desafios enfrentados pelos/as professores/as quando se propõe a trabalhar a educação midiática dentro das salas de aula. Nem sempre esses desafios estão atrelados a questão de saber usar equipamentos ou não, não se pode afirmar isto, uma vez que o problema possa ser mais complexo. A investigação, no início deste capítulo, se dedicará a este esclarecimento, assim como também é necessário entender os avanços que marcam este momento atual da educação. O momento pandêmico vivido recentemente aprimorou, e muito, os sentidos tecnológicos dos/as professores/as, alguns, talvez, de forma forçada a essa adaptação, outros já não tanto assim. Desta forma, também queremos investigar e entender como está a percepção dos educadores/as frente às novas possibilidades tecnológicas dentro das escolas de ensino médio, em especial nas aulas de Geografia.

Neste viés investigativo, devemos nos atentar para uma outra possibilidade, pois mesmo nos piores cenários, a Geografia, ainda assim, é flexível em diversas

formas e contextos, e permite ser trabalhada sob diversos ângulos e formatos em sala de aula e fora dela, também. Quando falamos de educação midiática dentro das escolas, uma outra vertente surge, que é a contribuição das diversas linguagens dentro do ensino de Geografia, como a imagem estática, a música, o som e, sobretudo, o objeto desta pesquisa, os filmes e documentários, se estão de fato contribuindo nas aulas de Geografia, fica esse tom de mistério a ser desvendado nos próximos capítulos.

Contudo, é importante pontuar que as diversas linguagens trazem uma outra possibilidade importante dentro do ensino. Se analisarmos bem, um ponto relevante no ambiente educacional é a interdisciplinaridade, que é possível ser construída, à medida que um conteúdo pode ser abordado dentro do contexto pedagógico de um filme ou documentário, unindo o ensino e aprendizagem na construção do conhecimento pelos/as alunos/as, gerando conexão entre os conteúdos e as disciplinas. Esta é uma vertente que pode ser mais explorada no ensino básico. Porém, ainda há muito o que se explorar para que estas distâncias diminuam entre as disciplinas. Neste sentido, um filme, quando observado e estudado de forma pedagógica, traz consigo diversas abordagens em diferentes disciplinas e conteúdos, não somente em Geografia. Assim, um dos pilares desta pesquisa é investigar como vem sendo trabalhado esses recursos/estratégias, se de forma aliada ou não, até que ponto tem havido avanços dessa possibilidade metodológica no ensino básico.

Som, imagem, lugares, contextos e vivências, todos esses atributos podem ser encontrados em linguagens distintas, mas em filmes, eles estão unidos, trabalhando para representar a realidade. Dentro da linguagem cinematográfica, muitos filmes podem conter paisagens urbanas e naturais ao redor do mundo, culturas, cotidiano e histórias, algo que seria quase impossível de ser trabalhado com tanta fidedignidade com uma turma de ensino médio em qualquer escola pública do país. Porém, no contexto cinematográfico, é possível oferecer este recurso e diminuir as distâncias, promovendo uma viagem reflexiva com os alunos, sem ao menos sair da sala de aula, oferecendo aos/às alunos/as uma compreensão maior e mais rica.

Diante disso, trazendo para a nossa realidade, a sala de aula, quais seriam as diversas possibilidades que o cinema, linguagem que alia o som, a imagem, as expressões, dentre outros elementos, podem ser inseridas de forma propositiva nas aulas de Geografia, contribuindo para expandir e/ou aprofundar as (re)leituras do mundo?

O processo metodológico desta pesquisa foi interessante, a começar pela escolha do tema, que surge a partir de uma indagação a fim analisar os conflitos que a Geografia enfrenta na educação básica e como os filmes e documentários poderiam trazer novas formas de interação para construção do conhecimento geográfico. Logo após definir os objetivos, foi feita uma revisão bibliográfica com intuito de apurar ainda mais o que investigar, tendo em vista a amplitude desta temática. Em outras palavras, as consultas aos autores que são citados nesta pesquisa contribuíram para direcionar ainda melhor o olhar investigativo frente a problemática proposta.

No geral, os autores escolhidos para embasamento metodológico desta pesquisa buscam estender a reflexão, não somente aos/as alunos/as ou diversos leitores, mas, principalmente, professores/as do potencial que as diversas linguagens podem contribuir para a construção do conhecimento nas aulas de Geografia, em específico o cinema. Neste contexto, e com todo este embasamento teórico-metodológico, as estratégias e dispositivos metodológicos empregados para atender ao objetivo, também consiste em propor um espaço para que os/as professores/as possam expressar suas indagações e, assim, seja possível refletir melhor acerca de suas respostas, como também oferecer aos/as alunos/as uma oportunidade de expor suas percepções acerca do assunto.

O marco espacial/temporal desta pesquisa é o projeto de extensão Geocine nas Escolas – um olhar geográfico sobre filmes e documentários, coordenado pelos professores Hanilton Ribeiro de Souza e Luciana Cristina Teixeira de Souza, do Colegiado de Geografia - DCH Campus V, UNEB, em Santo Antônio de Jesus/BA, do qual fui monitor por dois períodos. Cabe salientar, que o Geocine, no período pandêmico, adotou outra modalidade, que foi o formato on-line, com encontros quinzenais com estudantes, professores e comunidade do Recôncavo baiano, outros territórios da Bahia e, também, de outros estados do Brasil, demonstrando que a

Geografia não se limita apenas à sala de aula, como também, mostrando a importância de um projeto com esse olhar, sendo possível ser trabalhado não apenas nas escolas, mas nas diversas esferas socioespaciais. Com isso, essa etapa do projeto de extensão foi importante para propiciar a discussão e o aprofundamento de diversas respostas e expressões para esta pesquisa.

Ainda assim, também é importante destacar que o Colégio Estadual Democrático Romulo Almeida (2021), em Santo Antônio de Jesus, como também seus professores/as e alunos/as, contribuíram nesta pesquisa, no momento do Estágio Supervisionado em Geografia – Ensino Médio, no total foram 03 professores/as de Geografia e 34 alunos/as de ensino médio que participaram, a fim de ajudar a apreender como as questões que são apontadas na pesquisa que também fazem parte do cotidiano das aulas e como isso pode, ou não, impactar na dinâmica e aprendizado nas aulas de Geografia. Estas respostas foram colhidas através de questionários, em que os alunos/as e professores/as puderam se expressar, de forma esclarecida, consensual e anônima. Dessa forma, garantindo a liberdade de expressão dos entrevistados, já que o intuito da pesquisa era estimular a reflexão e discutir sobre as possibilidades, avanços e desafios vivenciados pelos/as protagonistas desta pesquisa, que são os/as professores/as e alunos/as que compõem o universo escolar. Assim, usaremos nomes fictícios (títulos de filmes) para não identificar os/as colaboradores/as da pesquisa, a fim de preservar a identidade daqueles/as que contribuíram para se alcançar os objetivos deste trabalho, cabe a ressalva que em nenhum momento a pesquisa busca analisar filmes isoladamente no enredo dos capítulos e subcapítulos, mas contextualizar a arte do cinema aliada ao ensino e aprendizagem nas aulas de Geografia.

2.2 *Janela Indiscreta* – obstáculos e avanços no ensino de Geografia na educação básica

Inicialmente, o projeto Geocine nas Escolas foi o responsável para quebrar a distância entre os/as alunos/as e professores/as em relação aos filmes nas aulas de Geografia. Diante disso, foi possível ter as primeiras respostas no enredo da discussão acerca do tradicionalismo persistente nas aulas de Geografia.

Quando investigamos sobre a principal causa do tradicionalismo ainda permear o ensino de Geografia, a dependência do livro didático foi apontada com muita frequência. Durante o Geocine nas escolas, no formativo virtual, que ocorreu durante o período pandêmico, após a exibição e discussão dos filmes, era elaborado um questionário virtual, através do *Google Forms*, que serviu para subsidiar a coleta de dados para esta pesquisa. Uma das questões era: “*Como a Geografia pode ser ensinada para além do livro didático?*” Esta pergunta foi inserida na tentativa de fazer os/as envolvidos/as sugerirem alternativas para superação do livro didático como recurso que domina e engessa as aulas. Assim, as narrativas/respostas dos/as colaboradores/as destacam:

[...] Pode ser quebrado através de novas formas de didática, fazendo com que o aluno aprenda o conteúdo de forma dinâmica. A utilização de filmes, documentários, jogos etc [...] (O poderoso Chefão, Graduando em Geografia, 2021).

Com base neste relato, e segundo Neto e Barbosa (2010), podemos fazer uma seguinte observação, a falta de dinamismo nas aulas de Geografia é uma realidade persistente no contexto escolar, na verdade, não seria exagero pontuar que é uma dificuldade enfrentada por todas as áreas da educação em algum momento, implicando diretamente na análise crítica dos/as educandos/as.

Em outra resposta, *O senhor dos Anéis*, estudante do 2ª série do ensino médio sugere o seguinte, “*Levando Filmes, música, teatro, passeando por vários locais.* ” Podemos aqui apreender uma seguinte questão, a solução para essa problemática em sala de aula já está no consciente dos próprios alunos/as, ou seja, os mesmos sabem como lidar com essa falta de dinamismo nas aulas, o que falta, às vezes, é a interação entre professor/a e aluno/a na tentativa de diminuir este impacto negativo em sala de aula, pode-se sugerir também uma aliada no combate a esta problemática, que é a inserção da proposta Geografia do Custo Zero (GCZ), discutida por Kaercher (2007), que é a possibilidade de ensinar e aprender Geografia a um custo totalmente alcançável, haja vista que essa liberdade, que ainda não é totalmente explorada, deixa uma gama de oportunidades de trabalho em sala de aula para trás. Na verdade, diante do contexto atual enfrentado em boa parte das escolas públicas, não seria exagero afirmar que a proposta da (GCZ) deveria fazer parte dos planejamentos, não somente da disciplina de Geografia, devido à relevância para a produção do conhecimento.

Outro ponto se levanta sobre essa cristalização de conteúdos, que é a falta de relação entre os mesmos e a vida cotidiana. Logo, relacionar os conteúdos se torna uma tarefa difícil para um/a aluno/a que aprende conceitos isolados, produzindo uma ciência fragmentada, conforme Leão e Leão (2008), fazendo com que o olhar esteja voltado apenas ao livro didático. Contudo, o livro em si é a ferramenta que aponta o conceito e a principal ferramenta para o planejamento, mas a prática da relação no cotidiano deve ser feita dinamicamente pelo/a professor/a, independente do que esteja sendo ensinado, pois, assim, o processo de ensino e aprendizagem consegue alcançar os objetivos propostos no planejamento dos/as professores/as. Ainda sobre o questionamento supracitado, *Sherek*, que também é estudante do 2ª série do ensino médio, destaca o seguinte:

[...] Na minha perspectiva, o ensino tradicional de Geografia muitas vezes enfatiza a aprendizagem de conceitos isolados, sem conectar os conteúdos com a realidade vivida pelos alunos. Isso pode resultar em uma falta de compreensão da importância da disciplina para suas vidas e para a compreensão do mundo ao seu redor [...] (*Sherek*, estudante da 2ª série do ensino médio, 2021).

Talvez para um/a educador/a respostas como essa não passe na cabeça de um/a aluno/a, mas podemos notar que é um erro pensar assim, pois os/as alunos/as cada vez mais, notam essa lacuna dentro de sala aula. Reforçando a discussão, *Vesentini* (2004), quando propõe que o ensino de Geografia acompanhe a direção da renovação, ou seja, não privilegie apenas o repasse de conteúdos de forma isolada, mas, também que o raciocínio e a sociabilidade sejam contemplados, entre outras estratégias. Nenhum/a professor/a quer em sua sala de aula um/a aluno/a descontente ou desmotivado/a com o conteúdo, pois isso gera um “saber morto”, ou seja, o aluno/a até grava, mas não aprende, não relaciona, não interpreta, não associa à sua realidade, nem consegue fazer uma leitura crítica do mundo, vejamos outra resposta pertinente acerca deste assunto provocante:

[...] O livro didático é um recurso de acesso ao estudante. Mas cabe ao professor, utilizar em sala de aula recursos metodológicos para promover o ensino e aprendizado dos alunos. Com novas práticas pedagógicas é possível aprender a geografia. Mas para isso o professor tem que sair do comodismo, do tradicionalismo, que muitas das vezes tornam as aulas enfadonha e alunos se interesse em participar das aulas [...] (*Alemão*, Graduando em Geografia, 2021).

O comodismo é de fato um vilão do planejamento, da dinâmica em sala de aula e, até mesmo, da sociedade em si, (*Souza e Queiroz*, 2012, p. 110) destacam uma importante reflexão:

[...] A crise que afeta as sociedades em todo o mundo também se reflete no ambiente escolar, gerando desesperança, decepção e acomodação no trabalho pedagógico, ou seja, na formação de cidadãos. Isso, infelizmente, tem ocorrido justamente num espaço onde a esperança e a possibilidade de transformação deviam ser as bases para a construção de outra realidade possível, mais justa e sustentável. [...]

No passar do tempo, muitos profissionais se acomodam na questão metodológica, não somente na educação, mas em todas as áreas profissionais, o risco da acomodação é notório. Contudo, torna-se necessário cursos de aperfeiçoamento para que esses profissionais, independente da área, estejam ativos em sua profissão, tendo acesso às novas metodologias e estratégias. Dessa forma, fazendo regredir essa margem que é preocupante em todas as áreas.

Um/a professor/a quando tem o primeiro momento em sala de aula, geralmente, na maioria das vezes, começa a todo “vapor”, mas com o passar do tempo, devido a tantos pormenores e revezes na educação, muitos acabam diminuindo o ânimo para ministrar aulas. Dessa forma, outro fator nesse passar de tempo acontece, que é a experiência em planejar e ministrar as aulas. Essa experiência acaba fazendo o/a professor/a entrar num estado automático, tornando suas aulas cada vez mais involuntárias, e já não se pensa tanto em planejamentos dinâmicos em sala de aula, simplesmente o professor/a chega e dá a sua “aula”, como no “piloto automático”.

Comodismo e tradicionalismo andam juntos, pois com o tempo as coisas vão mudando, o ensino muda, os saberes mudam, os conteúdos, em parte, mudam, mas o método de ensino, muitas vezes e infelizmente, continua o mesmo. Em outra realidade e em outro momento da escola básica, o livro didático era basicamente o único material disponível e, na maioria das vezes, não estava disponível a todos/as.

Todavia, em muitos momentos da educação básica, existiu uma divisão de livros, que consistia em compartilhar o livro com quem morava mais perto, pois, assim, não atrapalhava tanto quando o outro precisasse. No entanto, aquele contexto de época era difícil, não se tinha os recursos tecnológicos de hoje, obviamente não se tinha muito o que se fazer, mas a reflexão é que, nos dias atuais, é possível fazer mais, principalmente com tantas experiências por parte dos educadores. Contudo, a resposta de *Alémão*, traz um enorme desconforto, no que diz respeito a forma como a educação, de forma geral, vem sendo tratada, com viés de comodismo, falta de infraestrutura e investimento nas escolas, falta de cursos de

aperfeiçoamento e valorização do magistério, dentre outros fatores, fazem com que o tradicionalismo fique impregnado em nosso meio.

Além disso, devemos colocar a seguinte questão aqui, não podemos e não é o foco desta pesquisa, colocar a culpa nos/as professores/as, afinal, também devemos entender outro desafio desses profissionais, como Kaercher, (2012 p. 118) coloca:

[...] às vezes propomos a aula em “FM”, e eles a entendem em “AM” (ou vice-versa): não há má vontade de nenhuma parte, mas, simplesmente, não nos entendem, não há comunicação, não há diálogo. E, sem isso, como haver ato educativo? Sem diálogo, há apenas repasse de informações. O que é pouco.[...]

Então, não podemos dizer que a culpa é dos/as professores/as, de forma alguma, tanto o/a professor/a quanto o/a aluno/a são protagonistas em sua sala de aula, apenas os papéis se tornam diferentes, porém se relacionam, e um não existe sem o outro. Sendo assim, para concluir este tópico, sabemos das dificuldades que rodeiam as escolas, professores/as e alunos/as. Assim, cabe aqui apenas mostrar ao educador/a que o tradicionalismo não pode e nem deve ser o protagonista em seu planejamento, mas que é possível obter resultados, superando o comodismo e alcançando resultados promissores.

2.3. A Noviça Rebelde - As diversas linguagens e a suas contribuições no ensino básico

Podemos trazer aqui uma consideração inicial, o tempo avança e, com toda certeza, os recursos também. De forma geral, a educação básica começa, mesmo timidamente, demonstrar avanços significativos em muitas salas de aula, a partir do uso das tecnologias midiáticas. Assim, nas palavras de Rampazo *et al.* (2014), não foi algo que nasceu da noite para o dia, muitos testes foram feitos, acertos e erros, progressos e, talvez, alguns atrasos, até chegarmos onde estamos atualmente. Com isso, a sala de aula ganhou e ganha, até hoje, parte desses avanços que temos na sociedade.

No entanto, no ensino de Geografia, podemos dizer que, hoje, devido às diversas linguagens torna-se bem mais interativo e intuitivo, se fizermos um paralelo

com 20 anos atrás ou menos, quando as possibilidades não eram inúmeras como atualmente. Tínhamos até recursos, mas não acessíveis a todos em sala de aula, como, por exemplo, não era todos que tinha um celular à sua disposição, computador era “coisa de rico”, o *Google* ainda estava recente e não fornecia nem metade das funcionalidades de hoje, que auxiliam e muito ao professor/a em sala de aula.

Antes de aprofundarmos este tópico, podemos falar de um avanço muito explícito que as diversas linguagens trouxeram para o ensino básico, como, por exemplo, a música, que por mais que não seja o foco desta pesquisa, não podemos deixar sua significância de lado, pois em tudo é possível relacionar a música ao ensino, sobretudo, em Geografia. Outro ponto importante que também está visível é a motivação dos alunos com o uso das diversas linguagens, por exemplo, experimente em uma sala de aula, ao fim de uma aula, dizer que na próxima aula, vocês irão trabalhar determinada música escolhida pela sala ou determinado filme, com certeza, gerará nos alunos uma empolgação para a próxima aula. Assim, percebe-se, que estes são estratégias que motivam ainda mais o interesse em sala de aula e acrescentam dinamismo ao processo de ensino e aprendizagem.

Mas “*Qual importância de utilizar outras linguagens, como a cinematográfica, para ensinar Geografia e outras disciplinas?*”, esta outra questão foi relevante para entender a percepção de professores/as, alunos/as e graduandos/as sobre a linguagem do cinema nas aulas.

A aula enfadonha é de fato uma aula sem graça, ainda que o conhecimento seja gerado, torna-se uma aula sem vida, sem perspectiva, sem interação, à medida que somente o/a professor/a fala e os/as alunos/as apenas concordam com tudo ou nem ouvem, ou seja, não há educação, mas repasse de informações, conforme Kaercher (2012) pontua, não se tem dúvidas e indagações, nem mesmo considerações ou algum exemplo prático, e, dessa forma, dentro de si, os/as alunos/as torcem para que aquela aula “chata” acabe logo. Uma de nossas colaboradoras, em resposta ao questionamento do parágrafo anterior, destaca que:

[...] Despertam mais ainda o interesse por parte dos alunos, o momento torna-se mais interessante.[...] (Elektra, aluna do ensino médio, 2021).

Deve ser uma preocupação do/a professor/a entender como está a dinâmica de suas aulas, independente da disciplina, pois nenhum/a professor/a quer ir para sua sala sabendo que seu/a aluno/a não tem interesse nenhum por sua aula, no seu conteúdo. Contudo, o professor/a que aceita essa condição, ele/a próprio/a desqualifica seu trabalho, claro que existem aqueles/as alunos/as que, independentemente da aula, não estão muito interessados pelo conhecimento. Porém, cabe considerar que, como foi discutido, se buscarmos as estratégias corretas para nossas aulas, enquanto educadores/as traremos nossos/as alunos/as para dentro, não somente da sala de aula, mas dentro do conteúdo que se pretende construir e, assim, ofertar outras opções de enxergar a realidade.

Atualmente, as imagens desempenham um papel fundamental na sociedade, em suma, elas são responsáveis pela percepção, comportamentos e, até mesmo opiniões, dando um exemplo mais claro, quem nunca passou por um *outdoor* de supermercado e notou que naquele dia está havendo uma promoção de carnes e, dentro de si, gerou a percepção de que você precisa organizar seu dia no trabalho, a fim de que, quando voltar, aproveitar aquela promoção, ou, por fim, quando abrimos as redes sociais e vemos uma imagem de um/a trabalhador/a sendo assaltado a caminho do trabalho, gerando o sentimento de revolta ou quando nos deparamos com um jogo de futebol e, simplesmente, o juiz apita um impedimento e aquela imagem divide opiniões entre os torcedores. Dessa forma, dentro de sala de aula, o poder que a imagem carrega pode influenciar na percepção dos/as alunos/as sobre determinados temas.

Outro ponto é importante a destacar nesta discussão, no que diz respeito a alunos/as, é que cada um/a tem suas necessidades, seus ritmos e estilos de aprendizagem, afinal cada aluno/a é um universo diferente, como educadores/as devemos ter esta percepção e sabermos que é importante adotar meios que facilitem a aprendizagem de todos/as. Desta forma, podemos ampliar a visão de mundo que cada aluno/a tem, fazendo com que outras leituras sejam feitas a partir dos conteúdos discutidos em sala de aula, com o apoio da linguagem imagética e cinematográfica.

Malévola (2021), que é professora da rede básica de ensino, traz a seguinte resposta para a pergunta base deste tópico:

[...] Essas ferramentas facilitam a construção de outras linguagens para a compreensão do conteúdo. [...] (Malevola, professora da rede básica, 2021).

A referida professora salienta uma questão relevante sobre como a construção de outras linguagens torna-se mais que necessária em sala de aula, talvez não seria exagero dizer que é praticamente obrigatório esse exercício em sala de aula. Sendo assim, se partimos do ponto de vista que a educação é a arma mais poderosa que podemos usar a nosso favor, é de suma importância que essa construção, visando alcançar maior empatia com o outro, proporciona que o conhecimento e a educação sejam a base para superação de muitas mazelas da sociedade. Todavia, precisamos e devemos ser a ponte destas novas construções dos nossos/as alunos/as, e a imagem e o cinema se apresentam como recurso facilitador na trajetória do/a educando/a, onde sabemos que é cheia de desafios, mas que, no fim, é uma série resultados ímpares.

Antes de mais nada, com o tanto de informações, possa surgir algumas dúvidas em como utilizar esses recursos em sala. De modo geral, o excesso de informação acaba atrapalhando algumas vezes. Dessa forma, esse excesso de novidades pode acabar atrapalhando também, da seguinte maneira: imagine um cenário onde se esteja numa batalha, e há diversas armas para se usar, o excesso de opções, muitas vezes, faz com que usemos apenas aquela que temos maior facilidade em usar, e é como acontece, em muitos casos, dentro da sala de aula. Então, é importante saber o que e como usar essas ferramentas imagéticas e cinematográficas para não acabar sendo refém desse excesso e, no final, não alcançar o objetivo da aula, afinal as ferramentas corretas tem o intuito de nos auxiliar em sala de aula, conforme a resposta da colaborada:

[...] As diversas formas de linguagens, como: filme, música, jogos, charge, imagem e etc. Tem por objetivo potencializar o ensino dos conteúdos geográficos como também de outras disciplinas. [...] (A pequena sereia graduanda em Geografia, 2021).

Cabe salientar que é importante que essas linguagens já façam parte do acervo metodológico dos/as futuros/as professores/as, pois, assim, o tradicionalismo poderá ser deixado de lado e as aulas enfadonhas deixem de existir pouco a pouco e vá mudando a perspectiva dos alunos/as em relação à Geografia.

O ensino de Geografia é mais rico do que se imagina, principalmente quando aliado às ferramentas metodológicas corretas, assim é possível que a cristalização

dos conteúdos deixe de acontecer nas aulas de Geografia, *Colombiana (2021)*, futura professora, enfatiza que:

[...] A utilização de novos mecanismos de linguagem aproxima e molda o assunto para realidade do aluno, tirando foco do livro didático como único fomentador de disciplina.[...] (*Colombiana, graduanda em Geografia, 2021*).

Em suas palavras, Rampazzo *et. al* (2014) traz essa ressalva, de novos mecanismos que favoreçam a informação em sala de aula, principalmente, tendo em vista, o momento pós-pandêmico. É importante, também, fazer uma observação, cada conteúdo é único e, por mais que esta pesquisa enfatize o uso de filmes, vale destacar que, talvez, nem todos os conteúdos comportem, necessariamente, o uso de filmes, talvez seja melhor usar charge ou apenas uma imagem, um recurso não tornam o outro inválido, é importante adaptar a metodologia para uma melhor aproximação com o conteúdo, neste aspecto cabe ao professor/a observar e buscar alcançar êxito neste quesito.

Contudo, também é importante enfatizar que, por mais que seja imprescindível o uso de filmes em sala de aula, cada professor/a pode optar por outras formas de linguagens, seria contraditório colocar a linguagem cinematográfica acima das outras no ensino de Geografia, em específico é possível adaptação dentro de todas as linguagens, criando um misto de possibilidades que auxiliam o/a professor/a dentro da sala de aula, a fim de construir novas leituras, novos saberes e novas visões acerca do espaço geográfico.

2.4 2001: uma Odisseia no Espaço - O cinema dentro das aulas de Geografia.

Segundo Fernandes (2024), a história dos pais do cinema, que em 1895, toma forma através dos irmãos Lumière, desde então, torna-se conhecido o cinema, que não surge como instrumento de educação em seu primeiro momento, mas como uma atração científica que impacta o mundo, principalmente por sua capacidade de retratar e reproduzir o cotidiano das pessoas de forma realista na época.

No entanto, uma das primeiras obras dos irmãos Lumière retratava a um homem que estava regando suas plantas e um menino pisa na mangueira fazendo com que a água deixasse de regar a plantação e, quando o homem se atenta para

observar o bico da mangueira, o menino solta a água molhando o rosto do homem. Tendo em vista as produções que se tem, atualmente, podemos classificar que esta produção foi bastante simplória e, também, inicialmente, isso foi visto com um tom de comédia, mas um fato aqui chama atenção, uma das primeiras produções cinematográficas remete, também, a um conteúdo geográfico, o fato de o homem estar molhando as plantas na aula de Geografia, caberia a discussão sobre o processo de irrigação e a preservação da flora, no entanto, mesmo sem intenção, ou, talvez, com intenção mesmo, é impossível afirmar com precisão a intencionalidade do conteúdo da produção.

Claro que na época em questão, o cinema estava bem longe da realidade escolar, a fim de tornar este recurso como facilitador de conteúdos, muito menos no ensino de Geografia. No entanto, ainda que já fosse possível observar esta possibilidade, trazendo esta breve discussão no questionário da pesquisa, indagamos: *“Na sua opinião qual a importância dos filmes como instrumento de ensino na Geografia?”* Esta pergunta, que é semelhante a outra supracitada, vem com o intuito de afunilar ainda mais o olhar do/a professor/a, do/a aluno/a e, até mesmo do/a futuro/a graduando/a, pois, dessa forma, trazemos maior destaque aos filmes e documentários como fomentadores de conteúdos nas aulas de Geografia, para além do livro didático.

Mulher Maravilha (2021), ainda graduanda, mas com base nas suas experiências, destaca um ponto importante:

[...] Esses recursos são fundamentais para potencializar o ensino e aprendizado dos alunos. Uma que os alunos sempre gostam de coisas novas em sala de aula. Portanto com esses recursos os alunos aprendem e participam mais das aulas. [...] (*Mulher maravilha, graduanda em Geografia, 2021*).

A questão principal em seu relato é sobre a participação dos/as alunos/as. Com base nisto, e levando sua experiência em consideração, podemos notar que o novo gera movimento em sala de aula, ou seja, tudo o que não é habitual, traz uma perspectiva diferente para sala de aula, fazendo com que o conteúdo seja visto com outros olhos, abrindo um leque de possibilidades diferentes que podem e devem ser aproveitadas.

Um dos conteúdos mais complexos de trabalhar dentro de sala de aula, é o contexto histórico, em alguns casos, é muito fatigante remeter à antiguidade apenas

com palavras. No entanto, é neste contexto que se encaixa o relato de *Mulher Maravilha*, um conteúdo como este deve buscar alternativas mais lúdicas, devido a essas complexidades, a fim de estimular a participação. Obviamente, que não é uma obrigação a ser seguida, cada professor/a faz conforme achar melhor, porém, é algo que traria um diferencial dentro das aulas de Geografia e demais disciplinas. Desse modo, é importante salientar que filmes e documentários podem suprir bem essas possibilidades, aprender sobre contextos históricos não é uma tarefa fácil, não se trata da disciplina de História em si, mas do contexto histórico inserido em cada disciplina e que, em muitos conteúdos, precisam ser contextualizados e trazidos para a contemporaneidade para melhor compreensão do que se pretende discutir com aquele conteúdo, pois remete ao passado e com tanta informação acessível atualmente, em alguns casos, acaba atrapalhando a linha de raciocínio de um/a professor/a, trazendo até mesmo *fake news* para as salas de aula. A exemplo da ideia de que o Brasil foi descoberto por um português, quando, na verdade, foi invadido e colonizado por uma nação europeia, essas distorções podem entrar na cabeça dos/as alunos/as com bastante facilidade e, por isso, o papel do/a professor/a é crucial em saber escolher como e o que trabalhar nessas situações, combatendo inverdades no contexto escolar.

As diversidades religiosas, culturais, sociais, políticas, espaciais, econômicas, de gênero, dentre outras, são temas bastante presentes na sociedade. Desse modo, a diversidade também está na forma de ensino e aprendizagem, em destaque no ensino de Geografia, há múltiplas formas de compreender a Geografia, o que muitas vezes acontece é a falta desta diversidade em sala de aula, se o método de ensino tiver apenas um viés, a forma de ensino sempre vai remeter àquele método, por mais que, na prática, não seja totalmente desta forma, dando um exemplo mais claro de como este fato acontece, é que dentro de uma sala de aula, se for passado para o/a aluno/a que só se ensina Geografia no livro didático, ele/a atribuirá que só se aprende Geografia com o subsídio do livro didático, mas, na realidade, até mesmo com uma simples imagem é possível relacionar e aprender Geografia.

Viúva Negra (2021), aluna do ensino médio, traz a seguinte reflexão diante desta temática:

[...] É primordial a busca de outras práticas tanto para despertar o interesse por parte dos alunos no tema da aula, como a outros temas relevantes que

certamente estas outras maneiras trazem [...] (Viúva Negra, aluna do ensino médio, 2021).

Então, com o apoio deste relato, é possível chegar a um pensamento importante, se um professor/a colocar um assunto geográfico, como, por exemplo, taxa de natalidade e mortalidade, e discutir este assunto através de um filme, uma charge, uma imagem ou uma música, gerará saberes diferentes sobre o assunto, a questão de fundo será a mesma, contudo, a aprendizagem gerada por estas diferentes formas de ensinar ampliará a aprendizagem por diversas formas diferentes. O método de abordagem não se limita apenas à questão do conteúdo do/a professor/a, vai além do que se pode imaginar, pois podemos limitar o pensamento dos/as alunos/as quando passamos este conteúdo de uma só forma. Desse modo, o elemento surpresa quando se utiliza as diversas metodologias de aprendizagem, ainda que seja voltado a um conteúdo, o aprendizado gerado facilmente superará, provavelmente, as expectativas.

O cinema dentro de sala de aula, obviamente, não apenas nas aulas de Geografia, contribui para um outro fator importante, o trabalho em sala de aula, O espetacular *Homem Aranha (2023)*, aluno do ensino médio, acerca de filmes e documentários nas aulas de Geografia, pontua o seguinte:

[...] A utilização desse material apresenta potencial para o trabalho em sala de aula, além de contribuir para práticas interculturais críticas, numa perspectiva interdisciplinar. [...] (O espetacular *Homem Aranha*, aluno do ensino médio, 2021).

O trabalho em sala de aula também é um momento importante na transmissão de filmes e documentários, na verdade, torna-se quase que obrigatório estimular esse momento, pois, assim, é possível compreender como o conteúdo foi confrontado com a realidade dos/as alunos, e, se possível, criar pontes com o próximo conteúdo a ser trabalhado. Então, não se trata apenas de um filme para “prender atenção”, mas de ferramentas que podem influenciar, quando planejadas corretamente, de forma positiva na formação dos/as alunos/as.

A Pantera cor de Rosa (2021), aluna do ensino médio, traz uma consideração importante e quando se trata de filmes e documentários em sala de aula, é necessário este cuidado também:

[...] Os filmes podem apresentar narrativas semelhantes ao contexto real, podem trazer muitos temas semelhantes ao trabalhado nas disciplinas [...] (*A pantera cor de rosa*, aluna da 2ª série do ensino médio, 2021).

Ou seja, o seu relato traz a observação de que os filmes podem apresentar narrativas semelhantes, neste contexto é importante pontuar que os filmes não tem a obrigatoriedade de transmitir a realidade do conteúdo. Este cuidado torna-se necessário pelo fato de que uma produção cinematográfica pode conter visões distorcidas acerca de um assunto, e isso também é bastante proveitoso numa discussão para quebrar paradigmas e visões equivocadas que poderiam estar na cabeça dos/as alunos/as e permitir transmitir o que realmente é necessário.

O conteúdo de um filme não é uma verdade absoluta, mas uma representação da realidade ou uma obra de ficção. Os/as professores/as, quando utilizarem o recurso cinematográfico, devem se preocupar, em sala de aula, em promover um momento de discussão pós-filme, com o objetivo de direcionar corretamente a (re)construção do conhecimento do/a aluno/a. Por esta questão não é aconselhável levar qualquer produção fílmica para dentro de sala de aula e esperar que ela faça o trabalho do professor, à medida que filmes e documentários, sem planejamento adequado, seja na preparação, execução e pós-exibição, podem se tornar um problema pedagógico, ao invés de uma estratégia de ensino promissora.

De acordo com o *Dicio* (Dicionário de Português Online, 2024), a palavra “expressão” significa ação de exprimir, de expressar alguma coisa por palavras, por gestos, pela fisionomia, personificação, manifestação. Dentro de um filme existem expressões corporais, paisagens, som e uma questão real ou fictícia, que se utiliza de diversas linguagens para ser transmitida ao público. Dentre as linguagens, duas se destacam e estarão diretamente ligadas a emoções de todas as pessoas, toda essa gama de emoções nos aproxima do enredo do filme, proporcionando facilmente a assimilação do que está sendo exibido, ressaltando novamente que não é uma obrigação da produção fílmica discutir conteúdos geográficos em sua composição. Porém, nestas produções produzidas no/do e com o espaço geográfico, contêm elementos, conceitos, temas e relações socioespaciais que revelam, de forma implícita ou explícita a Geografia, que produzimos no cotidiano e nas mais simples relações socioespaciais.

Dessa forma, é importante entender que o filme traz informações que podem promover outras leituras de mundo, ampliando e/ou (re)construindo conhecimentos.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração quando um filme for escolhido para ser trabalhado em sala de aula, é faixa etária dos alunos, tendo em vista que nem todo tipo de produção possa ser adequado para turma. O filme escolhido pode impactar nas emoções de um/a aluno/a, gerar gatilhos e etc. Assim, este cuidado se faz necessário, a fim de evitar qualquer aspecto negativo que algum/a aluno/a vivencia ou vivenciou. Outra questão importante é que os alunos possam participar do planejamento desses momentos, a fim de evitar que o filme ou documentário escolhido possa não interessar e tampouco surtir o efeito pedagógico na construção do conhecimento.

Por fim, no questionário, fora solicitado que os/as professores pudessem responder quais obstáculos enfrentam na sala de aula quando tentam levar uma produção cinematográfica. Esse questionamento teve como objetivo conhecer os motivos que não favorecem esta estratégia metodológica nas escolas, sobretudo, nas aulas de Geografia:

Primeiramente, *Viúva Negra (2021)*, aluna do ensino médio menciona o seguinte:

[...] Muitas vezes a falta de recursos, tempo curto da aula e a dificuldade de se trabalhar estes recursos com algumas turmas.[...] (Viúva Negra, aluna da 2 série do ensino médio, 2021).

É importante que um/a aluno/a tenha isso em mente, pois assim não coloca o/a professor/a como alguém que não tenta propor momentos diferentes em sala de aula, e, de fato, cada professor/a tem sua realidade a ser considerada. Contudo, é importante que seus alunos/as entendam este contexto que está presente em várias escolas da rede pública de ensino.

O tempo em sala de aula é um fator determinante, também, à medida que as mudanças proporcionadas com o Novo Ensino Médio (NEM), em que as aulas de Geografia foram reduzidas, muitos professores se veem com dificuldade de trabalhar um filme em sala de aula, optando por curtas-metragens¹, que também são uma boa alternativa para se trabalhar os conteúdos geográficos, mas que possuem um

¹ Segundo a ANCINE (2024), Curta-metragem é aquela cuja duração é igual ou inferior a quinze minutos; Média-metragem é aquela cuja duração é superior a quinze minutos e igual ou inferior a setenta minutos e Longa-metragem: aquela cuja duração é superior a setenta minutos.

tamanho relativamente menor. No entanto, em alguns casos, o pouco tempo que se tem para trabalhar um curta não seja o suficiente para a compreensão da turma, podendo, algumas vezes, implicar no alcance do objetivo da aula.

O *Justiceiro* (2021), futuro professor, já entende essa complexidade e responde à pergunta de forma interessante:

[...] Muitas vezes as escolas não têm uma estrutura adequada para trabalhar os filmes com os estudantes, apenas algumas tendências padronizadas de estar sempre trabalhando apenas com o livro didático. [...] (O *Justiceiro*, graduando em Geografia, 2021)

A estrutura escolar é uma das partes importantes para que o objetivo do planejamento seja alcançado com êxito, à medida que, para um filme ou documentário ser implementado, a escola tem que oferecer apoio tecnológico efetivo para o/a professor/a. Contudo, é claro que a aula não deve depender exclusivamente da escola fornecer esses materiais. No entanto, torna-se muito difícil trabalhar sem o básico. Por isso, nem sempre é por falta de interesse do/a professor/a que se perde a oportunidade de trabalhar com recursos midiáticos e, sim, pela falta de estrutura. Assim sendo, para que este problema seja solucionado vai além do simples planejamento do professor, envolve, principalmente ações do poder público e da sociedade em relação à educação pública.

3.0 O PLANO PERFEITO – GEOGRAFANDO COM FILMES E DOCUMENTÁRIOS.

A utilização de filmes nas aulas de Geografia pode ser uma ferramenta poderosa para engajar os/as alunos/as e facilitar a compreensão de conceitos complexos. Filmes permitem uma contextualização visual e narrativa que pode enriquecer o aprendizado, tornando-o mais dinâmico e interativo. Neste capítulo, apresentamos um roteiro básico, que pode ser adaptado pelos/as professores/as, a fim de integrar filmes e documentários, de forma mais plena e produtiva, nas aulas de Geografia.

Inicialmente, a seleção de um filme para fins educacionais deve considerar não apenas a relevância do enredo, mas também sua capacidade de provocar reflexões críticas sobre temas geográficos contemporâneos. Para esta pesquisa, escolhemos o filme *"Não olhe para cima"* (2021), dirigido por Adam McKay. Este filme, embora seja uma sátira, aborda questões cruciais relacionadas às mudanças climáticas, desastres naturais e a resposta da sociedade e dos governos à crise ambiental e civilizatória iminentes.

O filme, *"Não olhe para cima"* narra a história de dois astrônomos, Dr. Randall Mindy (Leonardo DiCaprio) e Kate Dibiasky (Jennifer Lawrence), que descobrem um cometa em rota de colisão com a Terra. Ao tentarem alertar a humanidade sobre o perigo iminente, enfrentam ceticismo, negação e apatia, tanto da mídia quanto do governo negacionista e fundamentalista de extrema-direita. A trama explora como a sociedade moderna reage a alertas científicos e a maneira como as informações são tratadas em uma era de desinformação, com *fake news* e sensacionalismos.

Como metodologia de aplicação deste filme, primeiramente, é necessário observar algo importante, primeiramente, é definir claramente os objetivos que se pretende alcançar com a aplicação do filme. No caso de *"Não Olhe para Cima"*, os objetivos podem incluir a compreensão das dinâmicas de comunicação científica, a análise das respostas governamentais e sociais para a crise ambiental e civilizatória, refletindo sobre a percepção da sociedade em relação às mudanças climáticas. Contudo, é importante ressaltar os recursos necessários que serão utilizados, como: disponibilizar uma cópia do filme, ter um projetor de multimídia, sistema de som

(caixinhas de som ou semelhantes) e material didático complementar, como artigos, reportagens e gráficos sobre mudanças climáticas, dentre outros.

Indica-se, também, um bate-papo de contextualização antes da exibição. Dessa forma, ler a sinopse do filme para os/as alunos/as, explicando o gênero satírico e a relevância dos temas gerais abordados. Outro ponto importante é propor perguntas para reflexão antes da exibição, como "Qual é o papel dos/as cientistas na sociedade?" e "Como as pessoas geralmente reagem a notícias sobre desastres ambientais?".

Já na exibição do filme, considerar assistir ao filme em partes, dependendo do tempo disponível, o filme pode ser assistido integralmente ou em partes, seguidas de discussões intermediárias, tudo isso observando a dinâmica do tempo. Dessa forma, é importante também solicitar aos/as alunos/as anotação de pontos críticos, incentivar que anotem momentos-chave e questões relevantes, impactantes e que geraram dúvidas durante a exibição.

Por fim, na discussão pós-filme, realizar um debate orientado sobre as principais questões geográficas levantadas pelo filme. Perguntas norteadoras podem incluir "como o filme representa a crise climática?" e "quais paralelos podemos traçar entre a ficção do filme e a realidade atual?". Da mesma forma, estimular a análise crítica das respostas governamentais e sociais às crises ambientais apresentadas no filme e fazer um paralelo com a realidade dos/as alunos. Propor atividades complementares, estudo de caso: comparar o enredo do filme com casos reais de resposta a desastres naturais, como a pandemia de COVID-19 ou o aquecimento global, utilizar artigos acadêmicos, se possível, e reportagens para aprofundar a análise.

Em suma, a integração de filmes como *"Não Olhe para Cima"* nas aulas de Geografia pode enriquecer significativamente o aprendizado, proporcionando uma abordagem multifacetada dos temas geográficos. Ao explorar a reação da sociedade a crises ambientais e a comunicação científica, os/as alunos/as desenvolvem uma compreensão mais profunda e crítica das questões contemporâneas que afetam nosso planeta. Este método não só facilita a construção de conhecimentos

geográficos, mas também estimula o pensamento crítico e a conscientização ambiental

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o uso de filmes e documentários como recursos pedagógicos nas aulas de Geografia, com foco no ensino médio, buscando entender como estes instrumentos podem contribuir para que uma aprendizagem mais crítica e até mesmo contextualizada, fugindo do tradicional e decorativo. Estes objetivos foram alcançados com o apoio dos questionários com os professores/as e alunos/as que foram os/as protagonistas desta pesquisa.

Falando um pouco das entrevistas, de forma geral, foi possível observar que o ensino de Geografia, ainda é influenciado pela tradicional pedagogia conteudista e decorativa. Muitos professores/as ainda adere o modelo tradicional, voltado aos conteúdos e memorização dos diversos conceitos geográficos, sem reflexão, sem aguçar a criticidade e desconexos da realidade dos/as alunos. É possível notar através das entrevistas dos/as alunos/as que a insistência nesse modelo de ensino causa um abismo entre o conteúdo que é ensinado e a sua prática cotidiana, uma vez que a Geografia está presente em tudo e no dia-a-dia, da mesma forma, influencia na compreensão do mundo ao redor.

Todavia, os depoimentos revelam que o uso de filmes e documentários tem, de fato, um potencial transformador, não somente nas aulas de Geografia, mas de outras disciplinas também, e não seria exagero falar, na vida cotidiana. O fato é que fica notório, a partir das respostas que os recursos midiáticos podem excitar as experiências como o mundo real, promovendo uma aprendizagem mais leve, integrada e (re)significativa.

Por tanto, foi destacado que o uso dos recursos audiovisuais tem capacidade de romper o tradicionalismo, tornando as aulas mais dinâmicas e atrativas para os/as alunos/as. Este movimento em busca de práticas pedagógicas mais inovadoras foi apontado como essencial para despertar o interesse dos alunos nas questões geográficas, que antes, devido ao tradicionalismo nas salas de aula, era tido como assuntos desnecessários em suas realidades.

Dessa forma, diante das respostas dos/as entrevistados/as, é possível afirmar que os objetivos da pesquisa, foram plenamente alcançados. A investigação permitiu

uma compreensão mais detalhada e atual do ensino de Geografia, na rede básica, tendo a referida escola como campo de estudo, também foi possível apontar caminhos promissores para a introdução de novas práticas, como os filmes e documentários, pois, estes recursos são aliados no combate ao modelo mnemônico ainda presente nas aulas.

Por fim, a pesquisa reforça a importância de sempre buscar a inovação sem ala de aula, implementando novas metodologias pedagógicas, ou talvez, não tão novas assim, mas que de fato, possam quebrar o paradigma do conteudismo tradicional e que possa valorizar a contextualização e criticidade enunciada em cada assunto, seja da disciplina de Geografia, ou qualquer outra no ambiente escolar. Assim como os autores que serviram de base e são inspiração para uma educação leve e sólida retificam, o caminho para educação transformadora depende, em grande parte, dos/as professores/as buscar adotar práticas que inovem no dia-a-dia e permitam a compreensão do mundo, de forma crítica e reflexiva. A Geografia, ensinada dessa forma, torna-se não apenas um aglomerado de conhecimentos, mas uma ferramenta essencial para formação de cidadãos críticos/as e conscientes de seu papel no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. P. de; GIRARDI, G.; PEREIRA, E. de O. **Cartografias de cinema: diálogos com o imaginário geográfico docente**. Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 23, n. 2, p. 315-334, abr./jun. 2021.
- ANCINE. Agência Nacional do Cinema. **Consulta pública – Definição de Filmes (curtas-média-longa)**. Disponível em: <<https://sad.ancine.gov.br/consultapublica/avaliacoesSolicitadasAction.do?method=initEnviarSugestao&idNorma=57&idDispositivo=2122>>. Acesso em: 15 ago. 2024
- BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- CASTROGIOVANNI et al. Movimentos e oscilações para ensinar Geografia In: CASTROGIOVANNI, A. C.; TONINI, I. M.; KAERCHER, N. A.; COSTELLA, R. Z. (Orgs.). **Movimentos para ensinar geografia – oscilações**. Porto Alegre. Letra1, 2016.
- CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 10. ed. Porto Alegre. Mediação, 2012.
- COUSIN, M.; Janela para o mundo: O cinema como ponte entre lugares reais e imaginários. In: PORTUGAL, J. F.; CHAIGAR, V. A. M. (Orgs.). **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de geografia**. Curitiba. CRV. p. 65-77.
- DICIO. **Expressão**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/expressao/>>. Acesso em: 03 ago. 2024.
- FERREIRA, L. F. G.; FIORAVANTE, K. E. **Ensino de geografia e cinema: perspectivas teóricas, metodológicas e temáticas**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 6, n. 12, p. 209-233, jul./dez. 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- KAERCHER, N. A. Ser docente, ser discente: modelos e identidades. Conhece e revela-te estudando a cidade. In: **ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA**. Anais. Montevideo: Universidad de la República, 2009.
- KAERCHER, N. A. **Geografia: práticas pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- KAERCHER, N. A. Fugir do tédio e do denunciamento: mestres com fome e em busca de ensino e aprendizagem significativas. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; TONINI, I.

M.; KAERCHER, N. A.; COSTELLA, R. Z. (Orgs.). **Movimentos para ensinar geografia – oscilações**. Porto Alegre. Letra1, 2016.

KAERCHER, N. A. Práticas geográficas para ler/pensar o mundo, convergentes/entender com o outro e entender/cobrir a si mesmo. In: REGO, N; CASTROGIOVANNI, A. C.;

LEÃO, V. de P.; LEÃO, I. de C. **Ensino de Geografia e Mídia: Linguagens e Práticas Pedagógicas**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

NETO, F. O. L.; BARBOSA, M. E. S. **O ensino de geografia na educação básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na Geografia escolar**. GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 160-179, jul./dez. 2010.

NUNES, F. G. **Cinema e professores de geografia: aproximações e distanciamentos - considerações a partir da rede pública de Dourados (MS)**. Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 23, n. 2, p. 415-429, abr./jun. 2021.

NUNES, F. G. **Ensino de geografia: novos olhares e práticas**. Dourados. UFGD. 2011

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

QUEIROZ, P. P.; SOUZA, H. R. de.; O cotidiano na Geografia, a Geografia no cotidiano: as múltiplas linguagens no ensino e na aprendizagem. In: PORTUGAL, J. F.; CHAIGAR, V. A. M. (Orgs.). **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de geografia**. Curitiba. CRV. p. 109-130.

RAMPAZZO, S. R. dos R. et al. **Educação e tecnologias**. 1. ed. Londrina. Educacional S.A., 2014.

RODRIGUES, E. de F.; VOTTO, R. R. **O cinema no ensino de geografia: proposta de roteiro para trabalho em aula**. Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia, v. 8, n. 15, p. 206-224, jul./dez. 2017.

SILVA, S. S. **O cinema como recurso didático e pedagógico no ensino de geografia**. Cajazeiras. UFCG. 2013.

SEGREDOS DO MUNDO. **Irmãos Lumière**. Disponível em: <<https://segredosdomundo.r7.com/irmaos-lumiere/>>. Acesso em: 23 ago. 2024.

VESENTINI, J. W.; Realidades e perspectivas do Ensino de Geografia no Brasil. In: **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2004. p. 219-248.

APÊNDICE

Apêndice A - Questionário

1. Nome Completo
2. Qual sua Cidade?
3. Você é?
 - o Aluno
 - o Professor
 - o Graduando
 - o Comunidade Externa
 - o Egresso
 - o Graduado (Outra IES)
4. Na sua opinião, o que impede o professor de levar filmes para sala de aula?
5. Como podemos quebrar o paradigma de que só aprende Geografia e outras disciplinas, através do livro didático?
6. Qual importância de utilizar outras linguagens, como a imagética, a cinematográfica entre outras, para ensinar Geografia e outras disciplinas escolares?
7. Na sua opinião, qual a importância dos filmes e documentários como instrumento de ensino na Geografia e demais disciplinas escolares?
8. Afinal, quais conexões os filmes podem trazer em relação ao ensino de Geografia e demais disciplinas escolares?